

# CADA UM DE NÓS, TRANSFORMADO

O escritor mineiro Guimarães Rosa em seu livro **Primeiras Estórias** apresenta-nos um conto chamado **Pirlimpsiquice**. Narrado em primeira pessoa, o autor relata a história de onze ou doze crianças que estão se preparando para apresentar uma peça na escola. Cientes da grande responsabilidade que lhes cabe, seguem com rigor todos os ensaios, tornando-se até mesmo autorais ao criar uma terceira história a ser encenada no dia da apresentação. Cumprem o prazo, respeitam a programação e estão devidamente prontos, porém o dia da apresentação é marcado por um inesperado infortúnio: um dos atores principais precisa se ausentar, deixando na responsabilidade do narrador do conto (e da peça), sua substituição. Apesar de este narrador ser o ponto e estar ciente de todas as falas, a peça estreia com um grande desastre, seguindo de risos e vaias de toda a plateia. O salvador é uma das crianças com um irrelevante papel na encenação, e sua improvisação envolve não apenas os demais atores como toda a plateia, colocando-os em um transe coletivo, simbolizando o poder da Arte.

Neste conto, a invencionice infantil é valorizada por Guimarães Rosa, estabelecendo também uma interessante discussão a respeito do tênue limite que existe entre o real e o imaginário. O desenrolar da peça no conto acontece paralelamente a um reconhecer-se por parte daquelas crianças: "eu via - que a gente era outros - cada um de nós, transformado" (ROSA, 1975, p. 47). **Pirlimpsiquice**, aqui brevemente sintetizado, é

também uma grande metáfora para a encenação da qual se desdobra nossa própria vida, palco de constantes representações, apresentações, ensaios, surpresas, desafios e muito aprendizado. A cada “abrir de cortinas” somos confrontados com pequenos momentos que nos transformam, tal como as crianças roseanas.

Você, que lê agora essa apresentação do caderno de resumos do IV Colóquio de Pesquisa em Literatura do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, está diante de um grande momento na vida de cada pesquisador em cena. Este evento apresenta seis mestrados prestes a sofrer, tal como os alunos de Rosa, o grande impacto que é criar, representar e tornar-se autor de sua própria obra, de sua inteira vida.

Não cito gratuitamente este conto de Rosa. Para além da rica metáfora que ele carrega, a respeito do poder da Arte sobre o indivíduo, o retrato que traça da infância permite-nos criar diálogo com a infância que circunda duas das apresentações deste evento. A mestranda Viviani Basílio de Alencar com seu projeto **ORA MARGINAIS, ORA MARGINALIZADOS: UM OLHAR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA CONTRA A INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA EM CAPITÃES DA AREIA** nos convida a problematizar questão cara para a sociedade e para a literatura. Já a mestranda Alcione Candido da Silva em seu projeto **PERALTICES DO MENINO MALUQUINHO? LEITURAS POSSÍVEIS DA OBRA DE ZIRALDO** quer pensar o mais clássico livro de Ziraldo, tendo como ponto de partida a crítica das realidades sociais considerando os fatores históricos, culturais, econômicos e regionais.

Infância e violência permanecem em discussão no projeto **DIÁRIO DE BITITA: O TESTEMUNHO NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS** do mestrando Alexandro Rosa Soares, cuja abordagem nos convida a pensar

acerca da relação entre escrita e exclusão social. Da existência de Bitita passamos para a existência presente em dois livros de Graciliano Ramos, no projeto *CRISE DE IDENTIDADE NAS OBRAS: VIDAS SECAS E SÃO BERNARDO* da autoria de Marcelo Ramos do Amaral. Realidade e ficção, assim como no conto de Rosa, ganham uma tênue linha nessas abordagens que discutem memória, identidade e testemunho.

Das identidades masculinas de Graciliano, somos convidados a circular em textos de outro clássico da literatura, dessa vez no campo feminino. Helaine Domingues de Lima Ribeiro em seu projeto *DEPOIS DE UM TEMPO CADA UM É RESPONSÁVEL PELA CARA QUE TEM: IDENTIDADES TRANSITÓRIAS E ESTÉTICA EM DOIS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR*, explorando a transdisciplinaridade que envolve o Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, aborda estética, beleza e literatura ao falar de moda e maquiagem nos textos clariceanos. A transdisciplinaridade também está presente em *LITERATURA E MATEMÁTICA: UMA REFLEXÃO SOBRE CONTAR HISTÓRIAS, LER NÚMEROS E VICE-VERSA*, projeto do mestrando Darlan Natal Rodrigues que estabelece um singular diálogo entre matemática e literatura.

Cada um destes mestrandos nos conta, por intermédio de seus projetos, suas histórias acadêmicas. Como se a Arte possibilitasse acima de tudo um somar de vozes, leituras e encenações. Como se a Literatura fechasse as insolúveis equações da vida.

"Cada um de nós se esquecera de seu mesmo, e estávamos transvivendo, sobrecrentes, disto: que era o verdadeiro viver? E era bom demais, bonito – o milmaravilhoso – a gente voava, num amor, nas palavras: no que se ouvia dos outros e no nosso próprio falar" (ROSA,

1975, p. 47). Esses seis mestrados e seus respectivos orientadores convidam ao voo pelas palavras literárias de seus autores, milmaravilhosamente abordados nestes projetos que agora são apresentados à comunidade acadêmica.

Profª Drª Juliana Gervason

## **REFERÊNCIAS**

ROSA, Guimarães. **Primeiras estórias**. São Paulo: José Olympio, 1975.